

A LITERATURA INFANTIL EM TRADUÇÃO: ESPECIFICIDADES  
DA TRADUÇÃO DE LIVROS DAS SÉRIES *MR. MEN* E *LITTLE MISS*,  
DE ROGER HARGREAVES, PARA O PORTUGUÊS DO BRASIL

Clara Peron da Silva

Clara Peron da Silva

A LITERATURA INFANTIL EM TRADUÇÃO: ESPECIFICIDADES  
DA TRADUÇÃO DE LIVROS DAS SÉRIES *MR. MEN* E *LITTLE MISS*,  
DE ROGER HARGREAVES, PARA O PORTUGUÊS DO BRASIL

Monografia submetida ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Letras – Ênfase em Tradução: Inglês, elaborada sob a orientação da Professora Dra. Maria Clara Castellões de Oliveira.

JUIZ DE FORA  
FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
NOVEMBRO DE 2009

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dra. Maria Clara Castellões de Oliveira (Orientadora)

---

Prof. Dr. Edimilson de Almeida Pereira

---

Prof. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda

Data da defesa: 30/11/2009

Nota: \_\_\_\_\_

JUIZ DE FORA  
FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
NOVEMBRO DE 2009

## **DEDICATÓRIA**

A meus pais, Angélica e João, meus avós, Geraldo e Anna Maria, e meu irmão, Francisco, por terem me apoiado em toda a minha caminhada até aqui e suportado minha ausência durante o período em que estava buscando a realização dos meus sonhos, inclusive este que realizo agora, de me formar tradutora.

A meu noivo e futuro esposo, Hugo, por ter sido meu companheiro e ter me apoiado durante esses anos. Agradeço pelo carinho e compreensão dispensados, pela paciência nos momentos de nervosismo e pelo incentivo nos momentos em que pensei que não iria conseguir.

À família Ministério Universidades Renovadas, por ter me mostrado que é possível unir a fé e a razão, me ajudando a sonhar e a concretizar a civilização do amor através da minha profissão.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por ter guiado meus passos e ter preparado este momento para mim, desde o ventre de minha mãe. Obrigada pela realização de mais este sonho.

À Professora Dra. Maria Clara Castellões de Oliveira, pelo cuidado, empenho e incentivo nas aulas ministradas durante o curso de Bacharelado em Letras – Ênfase em Tradução: Inglês, e durante as orientações.

À Banca Examinadora, por ter aceitado o convite prontamente.

Aos amigos da turma 2007-2009 do curso de Bacharelado em Letras – Ênfase em Tradução: Inglês, por terem permitido a utilização de suas traduções como corpus de análise desta monografia. Obrigada pelo apoio e pelos momentos de crescimento profissional compartilhados.

## RESUMO

Esta monografia de conclusão do Bacharelado em Letras – Ênfase em Tradução: Inglês, da Universidade Federal de Juiz de Fora, tem como objetivo discutir questões de ordem teórica e prática sobre algumas especificidades concernentes à tradução de literatura infanto-juvenil. Após apresentar um breve histórico da literatura infanto-juvenil no contexto britânico, situaremos Roger Hargreaves, autor das coleções infantis *Mr. Men* e *Little Miss*, objeto de estudo deste trabalho, no tempo e espaço, e mostraremos sua inserção em uma tradição de literatura infanto-juvenil inglesa. Traçaremos também um breve panorama da história da literatura infanto-juvenil no Brasil, mencionando o papel de Monteiro Lobato e de suas traduções na ampliação do polissistema de literatura infanto-juvenil brasileira. Discutiremos as especificidades relacionadas a esse gênero literário, tais como a tradução de nomes próprios, onomatopeias, referências culturais, expressões idiomáticas, ilustrações e jogos de palavras. Isso se dará através da análise das traduções de livros infantis das coleções *Mr. Men* e *Little Miss*, realizadas por alunos da turma 2007-2009 do referido curso de bacharelado. Finalmente, abordaremos uma questão recorrente no contexto da tradução em geral e crucial no da tradução de literatura infanto-juvenil, qual seja, a escolha entre procedimentos de domesticação e estrangeirização em função do público-alvo.

A tradução é a arte da fuga de uma língua à outra, sem que a primeira se apague e sem que a segunda renuncie a se apresentar [...] Se, por um lado, é verdade que a cada língua que desaparece, desaparece uma parte do imaginário humano, a cada língua que é traduzida, esse imaginário se enriquece de maneira errante e fixa ao mesmo tempo. A tradução é fuga, ou seja, uma bela renúncia.

EDOUARD GLISSANT

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1: ROGER HARGREAVES E A LITERATURA INFANTO-JUVENIL NA INGLATERRA</b>	<b>13</b>
1.1 – O LUGAR DE ROGER HARGREAVES NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL INGLESA	14
1.2 – AS SÉRIES <i>MR. MEN</i> E <i>LITTLE MISS</i>	20
<b>CAPÍTULO 2: A TRADUÇÃO DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL E O CONTEXTO BRASILEIRO</b>	<b>23</b>
2.1– A IMPORTÂNCIA DA TRADUÇÃO NA DIVULGAÇÃO DO GÊNERO	24
2.2 – A LITERATURA INFANTO-JUVENIL E A AMPLIAÇÃO DO POLISSISTEMA DA LITERATURA BRASILEIRA	28
<b>CAPÍTULO 3: A TRADUÇÃO DE LIVROS DAS SÉRIES DE LITERATURA INFANTIL <i>MR MEN</i> E <i>LITTLE MISS</i></b>	<b>33</b>
3.1 – NOMES PRÓPRIOS	35
3.2 – ONOMATOPEIAS	38
3.3 – REFERÊNCIAS CULTURAIS	40
3.4 – EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS	41
3.5 – ILUSTRAÇÕES	42
3.6 – JOGO DE PALAVRAS	44
3.7 – CONCLUSÃO	45
<b>CAPÍTULO 4: O EMBATE ENTRE A DOMESTICAÇÃO E A ESTRANGEIRIZAÇÃO</b>	<b>46</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>61</b>



## **INTRODUÇÃO**

Desde os primeiros contatos com a literatura, respeitando as especificidades de cada faixa etária, a criança começa a formar opiniões e a desenvolver uma consciência crítica, pois, através do contato com o texto literário, aprende-se que o mundo é multiétnico, multicultural, cheio de belezas e também de tribulações.

As traduções de histórias infanto-juvenis no contexto ocidental foram responsáveis pela criação desse gênero literário em países como a Inglaterra e o Brasil. Apesar disso, o estudo da tradução desse gênero de literatura, embora esteja ganhando destaque, ainda é pouco realizado, talvez porque se considere, incorretamente, tal produção literária como um gênero menor ou mais fácil. Por ser responsável pelos primeiros contatos do indivíduo com o mundo literário, a literatura infanto-juvenil traduzida deve oferecer uma leitura prazerosa, sem deixar, contudo, de apresentar as diversidades culturais provenientes de outros mundos.

Diante disso, esta monografia de conclusão do Bacharelado em Letras – Ênfase em Tradução: Inglês, da Universidade Federal de Juiz de Fora, tem por finalidade discutir questões de ordem teórica e prática vinculadas à tradução de literatura infanto-juvenil, tomando como exemplo os textos literários infantis das coleções *Mr. Men* e *Little Miss*, escritos por Roger Hargreaves e traduzidos pelos alunos da turma 2007-2009 do referido curso de bacharelado.

No primeiro capítulo desta monografia, traçaremos um breve panorama da literatura infanto-juvenil inglesa e seus principais autores, situando as coleções *Mr. Men* e *Little Miss*, objetos de estudo deste trabalho, bem como seu autor, Roger Hargreaves, no tempo e espaço. Utilizaremos informações recolhidas na monografia de conclusão de curso de Bacharelado em Letras – Ênfase em Tradução: Inglês, intitulada “A tradução e a crítica de poesia” (2007), escrita por Vivian Almeida e no livro *Literatura infantil*, publicado por professores da PUC-RJ em 1980.

Tais coleções foram selecionadas como corpus para o presente trabalho por terem despertado discussões a cerca da tradução de literatura infanto-juvenil durante apresentações realizadas pelos alunos da turma 2007-2009 do curso de Bacharelado em Letras – Ênfase em Tradução: Inglês.

O capítulo seguinte será dedicado à história da formação de uma literatura infanto-juvenil brasileira e à importância da tradução na ampliação de tal gênero, partindo da teoria dos polissistemas, publicada por Itamar Even-Zohar em 1979 e fazendo referência ao papel de Monteiro Lobato nesse contexto. Para tanto, usaremos informações retiradas de textos escritos pelo próprio Even-Zohar (1979), Rita Ghesquiere (2006), e Giovana Cordeiro Campos (2004).

O terceiro capítulo tratará das especificidades concernentes especificamente à tradução de literatura infantil, tomando como exemplo as traduções de livros das coleções *Mr. Men* e *Little Miss* realizadas pelos alunos da turma 2007-2009 do curso de Bacharelado em Letras – Ênfase em Tradução: Inglês. Nesse momento, serão feitas críticas sintomáticas, nos moldes defendidos por Lawrence Venuti no livro *The Translators Invisibility* (1995). As especificidades mencionadas anteriormente serão analisadas considerando as teorias postuladas por diversos autores como Elvira Aguilera (2008), Peter Newmark (1982) e Jan van Coillie (2006) a respeito da tradução dos nomes próprios; Isabel Pascua-Febles (2006) com relação a onomatopeias; Renata Mundt (2008) no que diz respeito às referências culturais; e Mundt (2008) e Adriana Vannuzini (2009), no que toca as ilustrações.

No capítulo final, discutiremos o embate entre a estrangeirização e a domesticação, considerando a necessidade de construir um texto legível e agradável para a criança sem, contudo, apagar as marcas de uma cultura distinta, da tradução e do tradutor por detrás da história.

É importante ressaltar que o material pesquisado e os textos construídos no presente trabalho giram em torno da produção de literatura infanto-juvenil; contudo, o corpus analisado neste refere-se à literatura infantil, mais especificamente, à literatura destinada a pré-leitores, segundo classificação de Elvira Aguilera (2008).

## **CAPÍTULO 1**

### **ROGER HARGREAVES E A LITERATURA INFANTO-JUVENIL NA INGLATERRA**

No presente capítulo, traçaremos um breve panorama da literatura infanto-juvenil e seus principais autores, situando as coleções *Mr. Men* e *Little Miss*, objetos de estudo deste trabalho, bem como seu autor, Roger Hargreaves, no tempo e espaço.

## 1.1 – O LUGAR DE ROGER HARGREAVES NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL INGLESA

Segundo Laura Constancia Sandroni, no artigo “Retrospectiva da literatura infantil brasileira” (1980), esse gênero literário foi criado pelo escritor francês François de Salignac Fénelon (1651-1715), que em seu *Traité de l'éducation des filles (Tratado sobre a educação de meninas)* defendeu a ideia de dar às crianças outras literaturas além das tradicionais, que na época contavam a vida dos santos e a história sagrada. Assim, a literatura infanto-juvenil passou a tratar de assuntos profanos, tais como a mitologia clássica e os temas da tradição popular, a despeito de manter o objetivo dos textos que até então eram lidos pelas crianças, qual seja, o de “instruir divertindo” (SANDRONI, 1980, p. 9).

Charles Perrault foi o responsável por introduzir e consagrar os contos de fadas, um dos gêneros mais expressivos da literatura infantil, com seus *Contes de fées ou Histoires du Temps Passé avec Moralités: Contes de ma Mère l'Oye* cuja tradução literal é *Contos de fadas ou histórias do tempo passado com moralidades “contos da Mamãe Gansa”* (1677). A partir desse momento, houve o aparecimento de autores que passaram a escrever para crianças, entre eles os irmãos Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), que são considerados alguns dos mais importantes autores do gênero (SANDRONI, 1980, p. 10).

O dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875) é considerado o patrono mundial do gênero. Segundo Sandroni “misturando sua veia poética às raízes folclóricas de seu país criou personagens eternos e universais”, entre eles o Patinho Feio, a Dona Baratinha e o Soldadinho de Chumbo (1980, p. 11).

De acordo com Vivian Gomes de Almeida (2007), em “A tradução e a crítica de poesia”, monografia de conclusão de curso de Bacharelado em Letras – Ênfase em Tradução: Inglês, na Inglaterra, a literatura infanto-juvenil se desenvolveu a partir do século XVIII, durante a Revolução Industrial. Nessa época, surgiram o livro infantil, os brinquedos e os ramos da ciência relacionados à infância, como a psicologia infantil e a pediatria. Segundo Rita Ghesquiere, em “Why does children literature need translations?” (2006), cuja tradução literal é “Por que a literatura infantil necessita de traduções?”, nesse período, as convicções filosóficas de Jean-Jacques Rousseau fundamentavam a literatura infanto-juvenil do momento, que era escrita partindo do princípio de que a criança deveria aprender através de exemplos, com o objetivo de “confrontar as crianças com histórias contendo exemplos úteis e lições, a fim de melhorar a qualidade de vida” (p. 22, minha tradução).<sup>1</sup>

Como exemplo da literatura produzida nesse período, temos o livro *Robinson Crusoe* (*Robinson Crusoe*), mais célebre romance de Daniel Defoe, escrito em 1719. *Robinson Crusoe* trata do mito da solidão, uma vez que, depois de um naufrágio do qual o personagem-título é o único sobrevivente, o mesmo vive sozinho durante vinte e oito anos. O romance simboliza a luta do homem solitário contra a natureza.<sup>2</sup>

Nessa mesma época, o filantropismo alemão, um movimento educacional progressista, estava presente na literatura infantil, com conceitos novos e conflitantes. A influência do filantropismo foi importante na literatura infanto-juvenil alemã, pois,

---

<sup>1</sup> Texto original: “... they wanted to confront children with stories containing ‘useful’ examples and lessons in order to improve the quality of life.”

<sup>2</sup> Informações obtidas no site <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Robinson\\_Crusoe](http://pt.wikipedia.org/wiki/Robinson_Crusoe)>. Acesso em 15 out. 2009.

segundo Ghesquiere, além de aumentar o número de publicações, houve uma diversificação de modelos e melhora na qualidade das produções literárias. Os filantropistas alemães produziam literatura especificamente visando ao público infantil. Joachim Heirich Von Campe, publicou em 1779 o livro *Robinson der Jüngere*, uma espécie de *Robinson Crusoe* alemão, influenciado pelo livro de Defoe.

No início do século XIX, Charles e Mary Lamb adaptaram as peças dramáticas de Shakespeare para o público infantil, publicando-as em prosa em 1807. De acordo com o prefácio das adaptações, o objetivo era apresentar o estudo de Shakespeare aos jovens leitores, tornando as peças uma leitura fácil para as crianças (ALMEIDA, 2007).

Ainda no século XIX, durante o romantismo, extinguiu-se o pensamento de que as crianças deveriam se tornar adultas rapidamente. Assim, elas passaram a ser tratadas de forma diferente, isoladas dos aspectos negativos da sociedade, quando possível, e tendo a chance de desfrutarem da infância por mais tempo. De acordo com Ghesquiere (2006), “como resultado dessa nova visão pedagógica, o sentimentalismo e a imaginação passaram a dominar as histórias infantis. A criança não era mais encorajada a refletir, a mensagem nos livros infantis era apresentada de maneira objetiva” (p. 23, minha tradução),<sup>3</sup> e as histórias não continham temas inapropriados para esse tipo de público. Segundo Ghesquiere, nesse contexto, muitos clássicos da literatura infanto-juvenil foram publicados, alguns deles por autores até hoje lidos, como Lewis Carroll, que escreveu, entre outros, *Alice in Wonderland* (*Alice no país das maravilhas*), obra que teve 14 traduções para o português do Brasil, estando entre elas as realizadas por Maria Luiza Borges e Rosaura Eichenberg, e James M. Barry, que criou a personagem Peter Pan.

---

<sup>3</sup> Texto original: “As a result of the new pedagogical view of children, sentimentality and imagination dominated stories for young children. The child was no longer encouraged to reflect, the message in children’s books was presented in a straightforward manner.”



Lewis Carroll começou suas atividades como escritor em 1855, publicando poemas na revista *Comic Times*. Sua grande obra, *Alice no país das maravilhas* (1862), traduzida diversas vezes para a língua portuguesa do Brasil, além de conter várias metáforas e jogos de lógica, não apresenta o tema de forma direta, conduzindo, portanto, a várias possibilidades de leitura, indo de encontro ao tipo de produção literária infantil da época sobre a qual Ghesquiere teceu comentários, uma vez que necessita da interpretação e reflexão do público leitor. De acordo com Sandroni, Carroll introduziu novos elementos nos contos infantis “com seu *nonsense*, seus jogos de palavras que fazem com que os adultos hoje se debrucem sobre ela, como obra prima que é” (p. 11). Outras obras traduzidas para o português brasileiro, do mesmo autor, são *Through the looking glass (Alice através do espelho)* e *Sylvie and Bruno (Algumas aventuras de Silvia e Bruno)*.<sup>4</sup>

Por sua vez, James Barrie, dramaturgo e escritor de livros infantis escocês, começou a escrever em 1887 e, apesar de seus muitos romances e peças teatrais, foi a criação de *Peter Pan*, em 1896, que o fez alcançar a fama. Essa peça trata de temas complexos de maneira velada, estando entre eles a recusa em se tornar adulto. Segundo Almeida (2007), essa obra foi traduzida em vários países, inclusive no Brasil, por Monteiro Lobato, que, além de traduzi-la, introduziu a personagem no Sítio do Picapau Amarelo e deu o nome de “pó de pirlimpimpim” ao pó mágico de Peter Pan.<sup>5</sup>

Kipling foi um dos escritores mais populares da Inglaterra, nos campos da prosa e da poesia, no final do século XIX e início do século XX. Em 1907, ele foi condecorado com o prêmio Nobel de Literatura, tornando-se o primeiro autor de língua inglesa a receber esse prêmio e, até hoje, o mais jovem a recebê-lo. Seus livros para criança são clássicos da literatura infantil e tratam de temas como a crueldade da vida e

---

<sup>4</sup> Informações obtidas no site <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Lewis\\_Carroll](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lewis_Carroll)>. Acesso em 30 set. 2009.

<sup>5</sup> Informações obtidas no site <[http://pt.wikipedia.org/wiki/James\\_Matthew\\_Barrie](http://pt.wikipedia.org/wiki/James_Matthew_Barrie)>. Acesso em 30 set. 2009.

da natureza e os valores do homem civilizado. O mais conhecido deles é *Mowgli*, (*Mogli, o menino lobo*), que foi adaptado por Monteiro Lobato em 1933.<sup>6</sup>

Próximo do final da segunda metade do século XX, a falta de realismo nas histórias infanto-juvenis voltou a ser detectada. Michael Bond, que começou a escrever em 1945, é conhecido pela coleção de livros da série Paddington Bear, que retrata a vida de um urso junto a família Brown, que o encontrou na Paddington Station, em Londres. Os livros dessa coleção foram publicados em aproximadamente vinte países e inspiraram séries de televisão. Bond também escreveu os livros infantis *Olga da Polga* e a série televisiva *The Herbs*. Em 1997, Bond recebeu o prêmio da Ordem do Império Britânico por seus serviços à literatura infantil. Seus livros apresentam personagens alegóricos, como o urso e a porca, apontando para a já mencionada falta de realismo nas histórias infantis da época.<sup>7</sup>

Outro autor de histórias não realistas foi o irlandês Clive Lewis, que se destacou pela famosa série de livros infanto-juvenis *The Chronicles of Narnia* (*As crônicas de Nárnia*), considerada um clássico da literatura infanto-juvenil, tendo vendido mais de 120 milhões de cópias em 41 idiomas. *As crônicas de Nárnia*, escritas entre 1949 e 1954, foram adaptadas diversas vezes, inteiramente ou parcialmente, para o rádio, televisão, teatro e cinema. Além dos tradicionais temas cristãos, a série usa tópicos da mitologia grega e nórdica, bem como os tradicionais contos de fadas. No Brasil, a série foi editada inicialmente pela ABU Editora e era praticamente desconhecida, até o lançamento do filme. Paulo Mendes Campos foi o tradutor de quase todas essas crônicas para o português.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> Informações obtidas no site <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Rudyard\\_Kipling](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rudyard_Kipling)>. Acesso em 30 set. 2009.

<sup>7</sup> Informações obtidas no site <[http://en.wikipedia.org/wiki/Michael\\_Bond](http://en.wikipedia.org/wiki/Michael_Bond)>. Acesso em 30 set. 2009.

<sup>8</sup> Informações obtidas no site <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Clive\\_Staples\\_Lewis](http://pt.wikipedia.org/wiki/Clive_Staples_Lewis)>. Acesso em 30 set. 2009.

Charles Roger Hargreaves, autor e também ilustrador de livros infantis, inclusive das séries de livros que são alvo das considerações deste trabalho, *Mr. Men* e *Little Miss*, insere-se nesse contexto. Ele escreveu várias histórias, estando entre elas *John Mouse*, *Roundy and Squary*, e 25 outros livros da coleção *Timbuctoo*. No entanto, suas obras mais conhecidas foram as das coleções *Mr. Men* e *Little Miss*, que fizeram dele o terceiro autor mais vendido na Grã-Bretanha, com a comercialização de mais de cem milhões de livros em quinze línguas diferentes. Essas coleções, escritas para um público de pré-leitores, começaram a ser divulgadas em 1971, com o nome de *Mister*. Foram publicados 48 livros da série *Mr. Men*, sendo 46 deles em língua inglesa, e 42 da série *Little Miss*, destes, 33 foram escritos em inglês. Essas coleções apresentam personagens fantasiosos e alegóricos, redondos e coloridos, que representam uma característica personificada marcante, que, ao final da história, levará a uma lição de moral.<sup>9</sup>

Posteriormente, segundo Ghesquiere (2006), com o crescimento da literatura infanto-juvenil a partir dos anos de 1970, houve uma mudança na seleção dos tópicos a serem abordados nos livros infantis, bem como um crescimento no *status* e na qualidade dos mesmos. Temas e gêneros que eram considerados apropriados apenas para um público maduro começaram a serem abordados na literatura infanto-juvenil. As histórias passaram a questionar os valores sociais tradicionais, os estereótipos e as relações de autoridade. A coleção *Matilda (Matilda)*, de Roald Dahl, publicada em 1988, pode ser citada como exemplo desse período, pois conta a história de uma menina muito

---

<sup>9</sup> As informações contidas sobre esse autor e as coleções *Mr. Men* e *Little Miss* foram retiradas das seguintes páginas da Internet: <[en.wikipedia.org/wiki/Roger\\_Hargreaves](http://en.wikipedia.org/wiki/Roger_Hargreaves)>. Acesso em 30 set. 2009; <<http://www.egmont.co.uk/contributor.asp?contid=124#>>. Acesso em 30 set. 2009; <[www.mrsneeze.com/mrmen/aboutmrmen.html](http://www.mrsneeze.com/mrmen/aboutmrmen.html)> - 30/09/09. Acesso em 30 set. 2009; <[http://en.wikipedia.org/wiki/Mr.\\_Men](http://en.wikipedia.org/wiki/Mr._Men)>. Acesso em 30 set. 2009 .

inteligente e cheia de habilidades que não tem a atenção dos pais e é incentivada pela professora que a educa.<sup>10</sup>

J. K. Rowling, autora dos sete livros da famosa e premiada série *Harry Potter*, começou a escrever já no final do século XX, seguindo uma trilha próxima da aberta pelos escritores não realistas que a precederam. O primeiro volume dessa série foi publicado em 1997. Seus livros deram origem a vários filmes e foram traduzidos para 64 línguas, inclusive para o português do Brasil, por Lia Wyler.<sup>11</sup>

## 1.2 – AS SÉRIES *MR. MEN* E *LITTLE MISS*

O primeiro livro das coleções *Mr. Men* e *Little Miss* a ser publicado foi *Mr. Tickle*, escrito depois que o filho de Hargreaves, Adam, na época com oito anos, perguntou-lhe: “What does a tickle look like?” (Com o que uma cócega se parece?), em resposta, Hargreaves desenhou uma figura com o corpo redondo e laranja e braços longos e elásticos, assim nasceu o Mr. Tickle.

Em 1981, a coleção de livros *Little Miss* começou a ser publicada, sendo o primeiro livro intitulado *Little Miss Bossy*. O livro *Little Miss Twins* foi escrito com inspiração nas filhas gêmeas de Hargreaves, Sophie e Amelia.

Cada livro da coleção apresenta uma personagem-título diferente com uma característica personificada dominante, tal como ser mal, alta ou esperta, expressando, ao fim, uma lição de moral. Essas personagens geralmente reaparecem em outras histórias cuja personagem-título é outra, e mantêm um diálogo com esta, corroborando a moral da história.

---

<sup>10</sup> Informações obtidas no site < [http://simple.wikipedia.org/wiki/Matilda\\_\(novel\)](http://simple.wikipedia.org/wiki/Matilda_(novel))>. Acesso em 15 out. 2009.

<sup>11</sup> Informações obtidas no site <[http://pt.wikipedia.org/wiki/J.\\_K.\\_Rowling](http://pt.wikipedia.org/wiki/J._K._Rowling)>. Acesso em 30 set. 2009.

No total, foram criadas quatro séries de televisão envolvendo as personagens dessas coleções. A primeira foi produzida em 1975, com as personagens da coleção *Mr. Men*. A segunda, produzida em 1983, envolvia apenas as personagens da coleção *Little Miss*, ambas foram produzidas pela Flick Films. A terceira, chamada *Mr. Men e Little Miss*, ficou no ar entre os anos de 1995 e 1997. Em 2006, a Renegade Animation produziu o *The Mister Men Show*, uma série de animação americana contendo 25 personagens na primeira temporada, a maioria deles com nomes ou aparências alteradas, que estreou em fevereiro de 2008 no Cartoon Network, nos Estados Unidos da América, e no canal Milkshake!, no Reino Unido.

Ao falecer, Hargreaves havia criado mais de 70 personagens dessas coleções. Após sua morte, seu filho Adam continuou a desenhar e escrever livros para as duas coleções. Escreveu também histórias novas com personagens antigas, criadas pelo pai, que formavam a *new story library* (a biblioteca da nova história). Em 2003, em uma tentativa de atualizar as personagens das coleções, Adam Hargreaves criou as novas personagens *Mr. Good*, *Mr. Cool*, *Mr. Rude*, *Little Miss Bad*, *Little Miss Scary* e *Little Miss Whoops*.

Em 2001, por ocasião da comemoração do trigésimo aniversário da coleção *Mr. Men*, foi realizada uma competição pelo jornal *Sunday Times* para criar uma nova personagem, sendo a ganhadora *Mr. Cheeky*, criada por Gemma Almond, de oito anos, cuja história foi publicada em edição limitada.

Em 2006, para comemorar o aniversário de 35 anos da coleção *Mr. Men* e 25 anos da coleção *Little Miss*, os livros *Mr. Birthday* e *Little Miss Birthday* foram publicados. Houve também uma exibição na *The Art Animation Gallery*, em Londres. Nessa ocasião, Adam produziu a primeira personagem criada a partir de uma pessoa real, a *Little Miss Stella*, baseada em Stella McCartney, uma das mais expressivas

estilistas da atualidade, que usa apenas materiais ecologicamente corretos em suas criações.

Os livros das coleções foram traduzidos para diversas línguas e, nesse processo, algumas personagens foram criadas, tais como *Madame Oui*, na França. Outras foram renomeadas, como o *Mr. Jelly*, que passou a ser *Mr. Nervous* nos Estados Unidos da América. No Brasil, a editora Brinque Book publicou apenas uma edição traduzida de um número reduzido de livros, em 1995, dando à coleção o título de *Seu Fulando, Dona Beltrana*. Em 2004, a viúva de Roger Hargreaves vendeu os direitos autorais das coleções para uma empresa de mídia de entretenimento britânica, a Chorion.

**CAPÍTULO 2**  
**A TRADUÇÃO DA**  
**LITERATURA INFANTO-JUVENIL**  
**E O CONTEXTO BRASILEIRO**

Neste capítulo, trataremos da importância da tradução na divulgação da literatura infanto-juvenil no Brasil e na ampliação do polissistema da literatura nacional, além da contribuição da mesma para a formação de leitores. Será dado destaque ao papel de Monteiro Lobato nesse contexto.

## 2.1– A IMPORTÂNCIA DA TRADUÇÃO NA DIVULGAÇÃO DO GÊNERO

Como vimos no capítulo anterior, antes da Revolução Industrial, não havia livros específicos para o público infanto-juvenil. Após esse momento, as crianças passaram a representar um papel importante na sociedade, pois precisavam ser preparadas para o futuro, através da educação. Foi esse o contexto no qual surgiram os livros infanto-juvenis como instrumentos pedagógicos, que contribuíram para a formação de cidadãos. Segundo Tatiana Anflor, no texto “Literatura infantil brasileira” (2007),<sup>12</sup> a literatura infantil é um fenômeno quase tão recente quanto a ideia de infância que temos atualmente.

Esse novo gênero literário, a literatura infanto-juvenil, utilizava-se de textos já existentes adaptados, tais como lendas, mitos, cantigas, contos de fadas, entre outros, dos quais se destacam as histórias do dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875). De acordo com Anflor, os contos de fadas caíram na preferência das crianças porque se distinguiam dos outros pela presença do elemento mágico.

No Brasil colônia, o ensino estava totalmente nas mãos dos estrangeiros, e esse, segundo Laura Constancia Sandroni, é um fator importante no atraso da formação de uma literatura infantil própria. Os educadores franceses, alemães e ingleses, em sua maioria, preferiam utilizar livros de literatura nas línguas de origem (1980, p. 12).

---

<sup>12</sup> Informações obtidas no site <PT.shvoong.com/.../1631588-literatura-infantil-brasileira>. Acesso em 30 set. 2009.



Outros fatores que dificultaram o surgimento de uma literatura infantil nacional brasileira foram a falta de tipografia, a censura e um ensino que privilegiava as classes aristocráticas dominantes.

O gênero começou com as leituras escolares que também tinham como objetivo “transmitir determinados valores ou padrões a serem respeitados pela comunidade ou incorporados pelo comportamento de cada indivíduo” (COELHO *apud* ALMEIDA, 2007, p. 15). Dessa maneira, essas obras se apresentavam não somente como um fenômeno literário, mas como um “veículo de ideias ou padrões de comportamento” (COELHO *apud* ALMEIDA, 2007, p. 15). Essa produção, segundo Sandroni (1980), esteve em um primeiro momento, voltada para as traduções.

Esse quadro mudou com a chegada de Dom João VI, pois o mesmo deu atenção ao ensino público, incentivando o surgimento de novas escolas. Além disso, houve um desenvolvimento urbano por causa da vinda da família real. A partir desse momento, surgiu a consciência do ensino como um meio de ascensão social, e esse era, portanto, “um momento próprio para o surgimento de um mercado leitor que justificasse a importação de livros numa primeira fase, seguida de uma produção nacional” (SANDRONI, 1980, p. 12).

No fim do século XIX, surgiram muitas traduções e adaptações de obras infantis, como *One Thousand and One Nights (Contos das mil e uma noites)*, de 1882; *Robinson Crusoe (Robinson Crusoe)* de 1885, *Gulliver’s Travels (Viagens de Gulliver)*, de 1888 e *Don Quijote de la Mancha* (Dom Quixote de La Mancha), de 1901, traduzidas por Carlos Jansen, e os *Contos da carochinha* (1894), *As histórias da avozinha* (1896) e as *Histórias da baratinha* (1896), adaptações dos contos de Grimm, Perrault e Andersen, feitas por Figueiredo Pimentel.

Já no início do século XX, houve uma reação nacionalista à importância dos livros destinados à escola e os autores brasileiros começaram a ser incluídos no processo de produção dos mesmos. Entre esses autores podemos citar Olavo Bilac e Coelho Neto, autores de *Contos pátrios* (1931), e Manuel Bonfim e Olavo Bilac, autores de *Através do Brasil* (1948).

Os autores de literatura infantil passaram a se preocupar com uma forma de expressão literária nacional, como Monteiro Lobato, que publicou em 1920 *A menina do nariz arrebitado*, livro no qual o autor utiliza personagens de contos de fadas já conhecidos e mostra, de maneira crítica, temas atuais à sua época. Com isso, Lobato inaugurou uma nova fase na literatura infantil brasileira, uma que, segundo Sandroni, podemos considerar realmente criadora (1980, p. 15).

Ao mesmo tempo em que estava em contato direto com as fontes do pensamento brasileiro, Lobato também escolhia autores e obras estrangeiros para serem publicados em sua editora, provenientes, em sua grande maioria, da língua inglesa, como *The Jungle Book (O Livro da Jângal)*, de Rudyard Kipling, e *Pollyanna (Pollyanna)*, de Eleanor H. Porter. Por seu intermédio, seja como tradutor ou como editor de livros, grandes nomes da literatura mundial, destinada a crianças e adultos, chegaram ao contexto brasileiro em língua portuguesa.

A entrada de autores e culturas estrangeiras se dava também por meio da inserção, nas obras infantis escritas por Lobato, como *O Sítio do Pica-pau Amarelo*, de personagens advindas desse contexto. Assim, Narizinho podia se encontrar com Peter Pan, ou outros personagens de outras culturas, como Dom Quixote e princesas de contos de fadas.

Como podemos perceber, a tradução teve importância fundamental na expansão do gênero literário infanto-juvenil brasileiro, uma vez que as primeiras obras infantis

nacionais eram traduções de contos, mitos e histórias estrangeiras, que formavam o cânone literário infanto-juvenil, e posteriormente, impulsionaram o surgimento de uma tradição de literatura infanto-juvenil nacional, forjada inicialmente nos modelos exteriores, mas apresentando temas e cores locais.

A partir de então, surgiram autores como Cecília Meireles, que, na década de 1930, fundou a primeira biblioteca infantil do Rio de Janeiro e publicou livros e poemas dedicados a esse público. Entre os primeiros, encontram-se: *Ou isto ou aquilo*, *Janela mágica*, *O menino azul* e *Palavras voam*, enquanto, entre os últimos, destacamos: “Leilão de jardim”, “O cavaleiro branco”, “Colar de Carolina”, “O mosquito escreve” e “Sonhos de menina”.

Devem ser lembrados os nomes de outros escritores, que, dedicando-se à poesia e/ou à prosa, tiveram crianças como público-alvo. Henriqueta Lisboa, poetisa mineira considerada pela crítica um dos grandes nomes da lírica modernista, publicou duas coletâneas de poesia infantil: *O menino poeta* (1943 e 1975) e *Lírica* (1958). Ruth Rocha, ganhadora do prêmio Jabuti de literatura infantil, em 2002, publicou os livros *Marcelo, marmelo, martelo* (1976), *o Reizinho mandão* (1978), entre outros. Lygia Bojunga escreveu *Os colegas* (1972), *Angélica* (1975), *A casa da madrinha* (1978), *Corda bamba* (1979), *O sofá estampado* (1980) e *A bolsa amarela* (1981), pelos quais recebeu, em 1982, o Prêmio Hans Christian Andersen, o mais importante prêmio literário infantil mundial. O nome de Ana Maria Machado, laureada com o mesmo prêmio, e membro da Academia Brasileira de Letras, também deve ser mencionado. Entre suas obras encontram-se *Raul da ferrugem azul* (1979), *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981), *Menina bonita do laço de fita* (1986) e *Abrindo caminho* (2003).

## 2.2 – A LITERATURA INFANTO-JUVENIL E A AMPLIAÇÃO DO POLISSISTEMA DA LITERATURA BRASILEIRA

A teoria dos polissistemas, postulada por Itamar Even-Zohar em 1970, fundamenta-se na concepção de sistema implantada pelo formalismo russo, que se caracterizava pela recusa do historicismo e das interpretações extraliterárias, até então, vigentes (MARTINS, 2002, p. 36). Even-Zohar baseou-se no conceito de sistema de Tynianov, que propõe a existência de diferentes sistemas literários estruturados hierarquicamente e em permanente estado de transformação: “Tynianov chama nossa atenção para as lutas entre as forças inovadoras e conservadoras, políticas, tipos e modelos dentro da estrutura da literatura como um todo” (EVEN-ZOHAR, 1979, p. 119, minha tradução).<sup>13</sup>

Assim, Even-Zohar afirma que a cultura – o grande polissistema – é composta por vários polissistemas, tais como o religioso, o político e o econômico. Esses, por sua vez, são formados por vários polissistemas que são, em si, outros polissistemas, que, como os demais, apresentam centros e periferias. A alteração dentro de um desses polissistemas pode determinar mudanças em vários outros deles.

De acordo com Even-Zohar (1979), há vários centros e várias periferias, bem como processos de transferências da periferia para o centro, ou da periferia de um polissistema para a periferia do grande polissistema cultural e, posteriormente, para o centro de outro polissistema.

A literatura é um dos polissistemas que compõem a cultura e que, desse modo, molda-se em função de outros polissistemas. Esse polissistema é composto de um agregado de sistemas formados a partir de vários tipos de textos, autores, público etc, nesse sistema constituído de sistemas heterogêneos, os diversos componentes estão em

---

<sup>13</sup> Texto original: “Tynianov draws our attention to the struggles between innovatory and conservatory forces, policies, types and models within the structure of literature as a whole.”

constante disputa pela preferência dos leitores, prestígio e poder, posicionando-se hierarquicamente, de modo que alguns ocupam uma posição mais central que outros. A formação de cânones se daria, portanto, nas relações de poder intrassistêmicas (MARTINS, 2002, p. 37).

Dentro do polissistema literário há o polissistema da literatura traduzida, que segundo Even-Zohar, pode ocupar a posição primária, promovendo inovação; a secundária, mantendo o código já estabelecido em dado polissistema literário; ou ambas, dependendo das circunstâncias específicas do polissistema.

A literatura traduzida ocupa a posição primária dentro do polissistema literário, participando ativamente da modelagem do centro desse polissistema, segundo Even-Zohar, quando esse ainda não está cristalizado, é periférico ou fraco, ou quando há crises ou vácuos no polissistema literário. Quando isso acontece, as traduções tornam-se meios de elaborar novos modelos literários, pois através delas são introduzidos elementos que não existiam anteriormente, como novos modelos de linguagem poética, métricas e técnicas, enriquecendo o polissistema literário nacional (EVEN-ZOHAR, 1979, p. 121). Segundo Even-Zohar, “dizer que a literatura traduzida mantém uma posição primária é dizer que essa participa ativamente na modelação do centro do polissistema [...] não há distinção clara entre original e escritos traduzidos, e frequentemente são os escritores principais (ou membros da vanguarda que estão prestes a se tornarem escritores principais) que produzem as traduções mais importantes” (EVEN-ZOHAR, 1979, p. 120, minha tradução).<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Texto original: “To say that translated literature maintains a *primary* position is to say that it participates actively in *modeling the centre* of the polysystem. [...] no clear-cut distinction is then maintained between original and translated writings, and that often it is the leading writers (or members of the avant-garde who are about to become leading writers) who produce the most important translations”.

Já quando a literatura traduzida ocupa uma posição secundária, constituindo um sistema periférico dentro do polissistema literário, ela praticamente não exerce influência sobre a literatura nacional, e apenas reproduz a estética vigente, assumindo um papel reprodutor e conservador, dessa forma a “literatura traduzida adere a normas que foram recentemente ou há muito rejeitadas pelo (novo) centro estabelecido” (EVEN-ZOHAR, 1979, p. 122, minha tradução).<sup>15</sup> Isso acontece quando não há grandes mudanças no polissistemas ou quando essas não são efetivas (EVEN-ZOHAR, 1979, p. 123, minha tradução).

Quando ocupa ambas as posições, uma parte da literatura traduzida pode assumir a posição primária e outra assumir a posição secundária. Isso acontece quando “há uma interferência intensa” e “é a porção da literatura derivando da fonte literária principal que provavelmente assume a posição primária” (EVEN-ZOHAR, 1979, p. 123, minha tradução).<sup>16</sup> Segundo Márcia Amaral Martins (2002), em artigo publicado no volume temático da *Gragoatá*, intitulado “Lugares da tradução”, a posição ocupada pela literatura traduzida afeta as convenções tradutórias, as preferências literárias e a política editorial com relação ao material traduzido (p. 38). Even-Zohar afirma que “não apenas o *status* sócio-literário da tradução depende da sua posição dentro do polissistema literário, mas a prática real da tradução é fortemente subordinada a ela” (Even-Zohar, 1979, p. 125, minha tradução).<sup>17</sup>

Como consequência da aceitação da noção de polissistemas, a língua padrão não pode ser levada em conta sem as variantes não-padrão; a literatura traduzida não é desvinculada da literatura original; e a literatura infantil é relacionada à literatura para

---

<sup>15</sup> Texto original: “...translated literature adheres to norms which have been either recently or long before rejected by the (newly) established centre.”

<sup>16</sup> Texto original: “When there is intense interference, it is that portion of translated literature deriving from a major source literature which is likely to assume a primary position.”

<sup>17</sup> Texto original: “Not only the socio-literary status of translation depended upon its position within the literary polysystem but the very practice of translation is strongly subordinated to it.”

adultos. As noções de “erros”, “imitações ruins” e “enganos” deixam de existir dentro dessa teoria e passam a ser vistas como produtos das relações existentes entre os vários sistemas, histórica e culturalmente condicionadas (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 292).

Um dos principais autores que colaborou para a criação e ampliação de uma literatura infanto-juvenil nacional foi Monteiro Lobato, já mencionado anteriormente, que ajudou a renová-la pelo contato com as culturas estrangeiras. Apesar de ser muito conhecido como autor de livros da literatura infanto-juvenil, o mesmo desempenhou atividades tradutórias por aproximadamente nove anos. Além de tradutor, Lobato foi adaptador de obras de destaque da literatura infantil mundial, como por exemplo, *Pinocchio (Pinóquio)*, do italiano Carlos Collodi, *Robinson Crusoe (Robinson Crusoe)*, do inglês Daniel Defoe, e *Fairy Tales (Contos de Fadas)*, do francês Charles Perrault.

É importante ressaltar que, segundo Giovana Cordeiro Campos, em sua dissertação de mestrado, intitulada *From Whom the Bell Tolls, de Ernest Hemingway, e suas traduções no contexto brasileiro* (2004), o objetivo de Lobato não era o de substituir a cultura nacional pela estrangeira, mas o de fortalecer a primeira por meio das novidades provenientes da segunda.

A atividade tradutória de Lobato teve grande impacto cultural no Brasil, pois novos temas, personagens e ideologias estrangeiras foram introduzidos no país por meio de suas traduções. Dessa forma, as traduções feitas por Monteiro Lobato funcionaram como uma força motriz inovadora que introduziu novos elementos e permitiu a ampliação do polissistema literário brasileiro.

Segundo Campos, “Lobato sentia que havia na literatura infantil nacional um vácuo, uma vez que as fábulas infantis que existiam no Brasil eram traduções das fábulas de La Fontaine” (LOBATO *apud* CAMPOS, 2004 p. 144). Por isso, invés de as crianças entrarem em contato com elementos da cultura e do folclore nacionais, estavam

expostas a uma literatura que nada tinha a ver com a realidade delas. Lobato acreditava, segundo Campos, que o vácuo na literatura infantil nacional poderia ser preenchido por uma literatura infanto-juvenil brasileira “com bichos daqui em vez de exóticos [...] fábulas assim seriam o começo de uma literatura que nos falta” (LOBATO *apud* CAMPOS, 2004 p. 144).

Lobato também almejava uma linguagem mais simples e brasileira nas edições infantis, como se percebe em carta a Godofredo Rangel, de 11 de janeiro de 1925: “[...] Os cantos extraídos das peças de Shakespeare vão para que escolhas alguns dos mais interessantes e os traduzas em linguagem bem singela; pretendo fazer de cada canto um livrinho para meninos” (LOBATO, *apud* CAMPOS, 2004, p. 147).

Lobato traduziu para a nossa língua importantes títulos da literatura inglesa e foi o primeiro escritor de renome a fazê-lo de forma explícita, registrando seu nome em cada livro traduzido. Dessa forma, deu um novo prestígio à tradução e aos tradutores. Muitos autores traduzidos por ele, embora possuíssem fama no cenário internacional, não gozavam da mesma importância e de *status* do autor em território brasileiro, nesse sentido, o nome de Lobato como tradutor da obra dava aval à mesma.

A história do surgimento e da evolução da literatura infanto-juvenil no Brasil corrobora a percepção de Ghesquiere (2006) de que a tradução elevou o *status* da literatura infantil e incentivou iniciativas novas, pois, uma vez que os autores são confrontados com a produção literária de outras culturas, os mesmos sentem-se estimulados a produzir na sua língua nacional. Nas palavras de Ghesquiere, “a tradução foi e continua um meio de compartilhar criatividade, novas ideias e modelos literários” (GHESQUIERE, 2007, p. 25, minha tradução).<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> Texto original: “Translation was and remains a means of sharing creativity, new ideas and literary models.”



### **CAPÍTULO 3**

**A TRADUÇÃO DE LIVROS DAS SÉRIES  
DE LITERATURA INFANTIL  
*MR MEN E LITTLE MISS***

Neste momento, iremos analisar especificidades relativas às traduções de textos infantis da série *Mr. Men* e *Little Miss*, de Roger Hargreaves, realizadas, sob a supervisão da professora Maria Clara Castellões de Oliveira, pelos alunos da disciplina Tradução II do curso de Bacharelado em Letras, Ênfase em Tradução: Inglês, da Universidade Federal de Juiz de Fora, turma 2007-2009, no primeiro semestre letivo de 2009. São os seguintes os títulos e os nomes dos alunos-tradutores: *Little Miss Late* (Aline Paiva); *Little Miss Brainy* (Clara Peron); *Mr. Rude* (Diogo Britto); *Little Miss Wise* (Felipe Noronha); *Little Miss Chatterbox* (Fernanda Faria); *Mr. Fussy* (Júlio Cezar Oliveira); *Mr. Topsy-Turvy* (Luy Braida); *Little Miss Fickle* (Raquel Lombardi).

As traduções foram feitas em casa e apresentadas em sala de aula, por meio de transparências. Nesse momento, elas foram enriquecidas com sugestões feitas pelos colegas e pela professora. Em seguida, cada aluno fez as modificações discutidas em seu texto e, mais tarde, o enviou para um colega, para uma revisão do texto, levando em conta aspectos de ordem formal (transcrição de diálogos do texto, uso de maiúsculas etc.) e de conteúdo (ortografia e sintaxe). Tais atividades se mostraram muito proveitosas, pois geraram uma participação colaborativa, além de proporcionarem debates acerca da tradução de livros infantis, e suscitaram o desenvolvimento da atividade de revisão de textos, fundamental para os tradutores.

A seguir, faremos uma crítica sintomática da tradução dos livros supracitados, nos moldes defendidos por Lawrence Venuti no livro *The Translator's Invisibility* (1995). Tal crítica não apenas avalia o texto traduzido, como também leva em consideração o contexto, o prazo, o volume de trabalho, as condições da editora, as relações mantidas entre as literaturas do original e da tradução, os lugares ocupados pelo autor e pelo tradutor em seus contextos e os demais fatores que condicionam as escolhas tradutórias. Assim, buscaremos contextualizar as opções de tradução de cada aluno-

tradutor, considerando o público-alvo das mesmas, nesse caso, pré-leitores, crianças de zero a seis anos, de acordo com a classificação de Elvira Aguilera no artigo “The Translation of Proper Names in Children’s Literature” (2008), cuja tradução literal é “A tradução dos nomes próprios na literatura infantil”.<sup>19</sup>

Levaremos em consideração as traduções de nomes próprios, as onomatopeias, as referências culturais, as expressões idiomáticas, as ilustrações e os jogos de palavras tomando como exemplo apenas as histórias que apresentam essas questões de maneira mais relevante. Tais implicações tornam-se ainda mais consideráveis no caso da tradução para um público de pré-leitores, e constituem um desafio ao tradutor, principalmente por se tratar de uma literatura cuja produção é assimétrica: são adultos que escrevem, editam, traduzem, publicam, compram e até mesmo leem os livros para as crianças.

### 3.1 – NOMES PRÓPRIOS

Como afirmado anteriormente, os livros das coleções *Mr. Men* e *Little Miss* apresentam personagens com uma característica dominante, que marca sua personalidade. Essa mesma característica dá nome à personagem e permeia toda a história, como, por exemplo, no livro *Little Miss Late*, no qual a personagem principal, que tem como característica ser atrasada, chega tarde a todos os compromissos marcados e perde empregos e oportunidades por causa disso.

Considerando tal especificidade da coleção e o público leitor da mesma, todos os alunos optaram por traduzir o significado subjacente ao nome próprio das personagens,

---

<sup>19</sup> Informações obtidas no site <[ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4666.pdf](http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4666.pdf)>. Acesso em 02 jun. 2008.

entendendo que o significado dos mesmos era importante para a compreensão da moral da história pela criança. Assim, temos as seguintes traduções:

<b>Nome próprio da personagem no texto-fonte:</b>	<b>Nome próprio da personagem no texto-meta:</b>
<i>Mr. Fussy</i>	Sr. Chato
<i>Mr. Rude</i>	Sr. Rude
<i>Mr. Topsy-Turvy</i>	Sr. Às Avessas
<i>Little Miss Brainy</i>	Senhorita Brilhante
<i>Little Miss Chatterbox</i>	Senhorita Tagarelinha
<i>Little Miss Fickle</i>	Senhorita Inconstante
<i>Little Miss Late</i>	Senhorita Atrasada
<i>Little Miss Wise</i>	Senhorita Esperta

A opção dos alunos vai ao encontro do que é afirmado por Aguilera (2008), para quem um nome próprio em uma história alegórica, isto é, cujos personagens apresentam ideias ou conceitos abstratos, tende a ser traduzido, pois “um nome significativo tem um papel na história, e não traduzi-lo é suprimir parte da função para qual o mesmo foi criado” (minha tradução).<sup>20</sup>

No caso da tradução do nome da casa das personagens e das cidades nas quais elas moram, duas alunas-tradutoras optaram por não traduzir o nome e acrescentar uma explicação ao mesmo, para manter as questões culturais do texto-fonte e ao mesmo tempo torná-lo mais compreensível à criança. Tomemos como exemplo o seguinte trecho do livro *Little Miss Fickle*:

---

<sup>20</sup> Texto original: “a meaningful name play a role within the story and not translating it is suppressing part of the function it was created for.”

Little Miss Fickle lived in Dandelion Cottage  
which was on the outskirts of Sunnytown.  
And she lived right next door to her best friend,  
Little Miss Neat, who lived in Twopin Cottage.

O mesmo recebeu a seguinte tradução:

A Senhorita Inconstante morava na Inglaterra  
em um chalé que tem o nome de uma flor, Dandelion,  
que significa Dente-de-Leão  
nos arredores de *Sunnytown*, a cidade ensolarada.  
E morava pertinho de sua melhor amiga,  
A Senhorita Arrumadinha, que vivia em um  
chalé chamado *Twopin*, com duas chaminés  
que pareciam dois pinos. (meus grifos)

Na tradução do livro *Little Miss Late*, há outro exemplo de tal escolha tradutória.

Vejamos o texto-fonte:

Do you know where she spent last Christmas?  
At home.  
Earlybird Cottage!

Tal trecho recebeu a seguinte tradução:

Você sabe onde ela passou o Natal?  
Na casa dela, na Inglaterra  
No chalé Earlybird, que em inglês significa  
pássaro madrugador! (meu grifo)

Podemos perceber que ambas as alunas-tradutoras optaram por acrescentar a explicação diluída no corpo do texto, inserindo o país de origem, para situar o leitor, e introduzindo uma explicação sobre o nome o qual mantiveram na língua fonte. Essa opção de tradução permite, segundo Coillie afirma no artigo “Character Names in Translations: A Functional Approach” (2006), cuja a tradução literal é “Nomes próprios nas traduções: uma abordagem funcional” que, “o leitor do texto-meta aprenda mais explicitamente (o significado de uma palavra de outra língua)” (p. 126, minha tradução).<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Texto original: “(...) the reader of the target text more explicitly learns something (the meaning of a word from another language).”

Segundo Peter Newmark, no livro *Approaches to Translation* (1982), cuja tradução literal é *Abordagens à tradução*, “quando a denotação do nome não é conhecida ou é obscura para o leitor, o tradutor geralmente adiciona o nome genérico apropriado: ‘o rio Rehe’, ‘a cidade de Ratheim’” (p. 12, minha tradução).<sup>22</sup> Assim, a opção de tradução das alunas-tradutoras supracitadas também vai ao encontro do postulado por Newmark, e facilita a compreensão da criança, sem deixar de mostrar o elemento estrangeiro.

Por se tratar de uma tradução para um público de pré-leitores, pensamos que a melhor opção é, realmente, traduzir o significado equivalente ao nome do texto-fonte, optando pela domesticação do texto, uma vez que, como mencionado anteriormente, esses têm uma carga de significado importante na história e, dessa forma, são necessários à compreensão da criança dos ensinamentos contidos nos livros, que podem ser coisas como: não devemos chegar atrasados aos nossos compromissos (*Little Miss Late*), precisamos procurar ser menos indecisos (*Little Miss Fickle*), não podemos achar que sabemos tudo (*Little Miss Brainy*) e não devemos ser rudes com as pessoas (*Mr. Rude*).

### 3.2 – ONOMATOPEIAS

A literatura infantil, geralmente, é rica em onomatopeias, palavras que reproduzem um som com um fonema ou palavra. Ruídos, cantos de animais, sons da natureza, entre outros, fazem parte das onomatopeias.

---

<sup>22</sup> Texto original: “Where the denotation of the name is not known or obscure to the reader the translator often adds the appropriate generic name: ‘the river Rehe’, ‘the town of Ratheim’”

No corpus estudado nesta monografia, os livros *Little Miss Wise*, *Little Miss Chatterbox*, *Little Miss Brainy* e *Mr. Fussy* apresentam onomatopeias. Todos os alunos optaram por traduzi-las, como podemos observar a seguir:

<b>Onomatopeia no texto-fonte:</b>	<b>Onomatopeia no texto-meta:</b>
He was very fussy about what he ate He opened the marmalade pot. “ <u>Ugh!</u> ” He exclaimed. “It got bits in it” ( <i>Mr. Fussy</i> ) (meu grifo)	O Sr. chato era bastante Chato sobre o que comia. Ele abriu o vidro de geleia. – <u>Eca!</u> – ele gritou – Tem grãosinhos dentro da geleia. (meu grifo)
“ <u>Phew!</u> ” gasped the elephant! ( <i>Little Miss Brainy</i> ) (meu grifo)	– <u>Ufa!</u> – Suspirou o elefante aliviado. (meu grifo)
Little Miss Chatterbox took a deep breath. <u>PIP PIP PIP</u> “At third stroke it will be six twenty five and twenty seconds!” ( <i>Little Miss Chatterbox</i> ) (meu grifo)	A Senhorita Tagarelinha deu um profundo suspiro e... <u>BIP! BIP! BIP!</u> – No terceiro <u>BIP</u> serão seis horas, vinte e cinco minutos e vinte segundos! (meu grifo)
Little Miss Wise opened the parcel. “ <u>Atishoo!</u> ” she sneezed. ( <i>Little Miss Wise</i> ) (meu grifo)	A Senhorita Esperta abriu o embrulho. – <u>Atchim!</u> – espirrou. (meu grifo)

A escolha tradutória dos alunos-tradutores corrobora a afirmação de Isabel Pascua-Febles, no artigo “Translating Cultural References: The Language of Young People in Literary Texts” (2006), literalmente “Traduzindo referências culturais: a linguagem dos jovens nos textos literários”, segundo a qual “quando consideramos como tratar os exemplos de onomatopeia no texto, é argumentavelmente inapropriado manter as expressões estrangeiras. Para esses marcadores, os tradutores são mais susceptíveis a seguir as normas de convenções textuais e linguísticas da cultura alvo” (p. 117, minha tradução).<sup>23</sup>

<sup>23</sup> Texto original: “When considering how to address the examples of onomatopoeia in the text it is arguably not appropriate to retain foreign expressions. For these markers translators are more likely to follow the textual conventions and linguistic norms of the target culture.”

Não faria sentido traduzir o nome dos personagens e manter as onomatopeias na língua-fonte, assim, a escolha dos alunos-tradutores foi coerente com seus projetos tradutórios.

### 3.3 – REFERÊNCIAS CULTURAIS

Alguns dos livros das coleções aqui estudadas apresentam questões culturais fortemente enraizadas na cultura-fonte, como estações do ano e as atividades que são feitas na Inglaterra correlacionadas às mesmas, que, no Brasil, seriam realizadas em datas diferentes, uma vez que as estações do ano não são correspondentes nos hemisférios norte e sul.

No livro *Little Miss Late*, a aluna-tradutora optou por traduzir os dados culturais e acrescentar uma explicação diluída no texto, para que as crianças não estranhassem muito a informação contida no mesmo, como podemos observar no exemplo a seguir do texto-fonte:

Do you know when she went on her Summer  
holiday last year?  
In December!  
Six months late!

Tal trecho recebeu a seguinte tradução:

Você sabe quando foi que ela fez a limpeza de  
primavera no chalé Earlybird?  
Em dezembro,  
Quando já era inverno na Inglaterra! (meu grifo)

Outro exemplo, no mesmo texto-fonte é o seguinte:

“I think”, remarked Little Miss Neat, looking at the grass,  
“that you should have thought about that last April”.

O mesmo recebeu a tradução a seguir:



– Acho que você deveria ter pensado nisso em abril, quando ainda era primavera – a Senhorita Caprichosa comentou, enquanto olhava para a grama. (meu grifo)

Segundo Renata Mundt (2008), no artigo “A adaptação da tradução de literatura infanto-juvenil: necessidade ou manipulação?”<sup>24</sup>, as questões culturais costumam sofrer adaptações porque, algumas vezes, essas diferem da visão que os tradutores têm da cultura de partida ou porque esses pensam que as crianças não irão compreendê-las.

Apresentar esses dados, adequando-os à cultura-meta, permite que a criança pré-leitora perceba as diferenças entre as estações do ano na cultura-fonte e em sua cultura-meta, enriquecendo o seu conhecimento de mundo.

### 3.4 – EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

As expressões idiomáticas trazem muito do conteúdo de uma cultura, por isso, na grande maioria das vezes, constituem entrave à tradução, pois apresentam uma carga de significado para a cultura-fonte que não é equivalente na cultura-meta. Por esse motivo, as mesmas costumam ser substituídas por uma expressão equivalente na língua-meta. Essas se estabelecem a partir de projeções metafóricas, apresentando linguagem figurativa. Por si só, isso justifica a impossibilidade da tradução literal das mesmas.

No livro *Little Miss Chatterbox*, temos exemplos de expressões idiomáticas, as quais a aluna-tradutora optou por utilizar uma expressão equivalente na língua- meta, como podemos observar a seguir, no trecho do texto-fonte:

Have you ever heard about somebody being able to talk the hind leg off a donkey?  
Well, Mr. Chatterbox could talk both hind legs off a donkey.  
And his sister could talk the hind leg off an elephant. (meus grifos)

---

<sup>24</sup> Informações obtidas em: <[www.abralic.org.br/cong2008/.../pdf/.../RENATA\\_MUNDT.pdf](http://www.abralic.org.br/cong2008/.../pdf/.../RENATA_MUNDT.pdf)>. Acesso em 30 jun. 2009

Esse trecho foi traduzido da seguinte maneira:

Você já ouviu falar de alguém que fala pelos cotovelos?  
Bem, o Sr. Tagarela podia falar pelos dois cotovelos.  
E sua irmã podia falar pelos cotovelos e pelos joelhos.” (meus grifos)

Outro exemplo, retirado do mesmo texto-fonte, que também ilustra o tema dos jogos de palavras é o seguinte:

Little Miss Chatterbox managed to find herself a job that suited her down to the ground and up to the Sky! (meus grifos)

O mesmo recebeu a seguinte tradução:

A Senhorita Tagarelinha conseguiu encontrar um emprego que lhe caiu como uma luva, e de pelica. (meus grifos)

A adaptação dessas expressões para a língua-meta torna o texto mais claro para o leitor, que, certamente, não as compreenderia se fossem traduzidas literalmente:

A Senhorita Tagarela conseguiu encontrar um emprego que lhe agradasse desde o chão até o alto do céu.

### 3.5 – ILUSTRAÇÕES

Em um texto de literatura infanto-juvenil, as ilustrações compõem uma parte importante da obra, pois não apenas a adornam, mas a complementam. Segundo Mundt (2008), “as ilustrações não apenas enfeitam a obra infantil, mas facilitam sua leitura e são parte integrante da mesma. Algumas vezes espelham o conteúdo da obra, outras vezes, completam-no. Seu papel é essencial nesse tipo de leitura e não pode ser ignorado pelo tradutor”.

Assim sendo, os tradutores devem observar se o seu texto condiz com o que está ilustrado na obra, pois “o livro infantil promove o desenvolvimento de duas competências leitoras: a do código verbal e a do código não verbal”, como afirmou

Adriana Maximino Santos Vannuzini no artigo “Texto, imagem e projeto gráfico na tradução de literatura infanto-juvenil” (2008).<sup>25</sup>

Nos livros *Little Miss Wise* e *Little Miss Late*, assim como nos demais, porém de maneira mais relevante, temos momentos em que a ilustração complementa o texto. No primeiro livro, o autor comenta que a Senhorita Esperta se recusou a jogar tênis com o Sr. Tolo, e diz “não há nada de tolo quanto a isso, há?” ao mesmo tempo em que aparece a figura do Sr. Tolo segurando uma raquete em formato de estrela e uma bola quadrada. A ilustração justifica a afirmação da personagem, por isso tem extrema relevância.

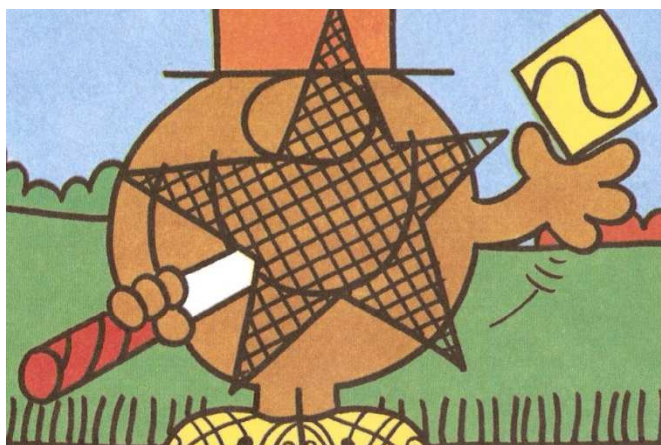


Figura 1: O Sr. Tolo se preparando para jogar tênis.  
Fonte: HARGREAVES, Roger. *Little Miss Wise* (1990)

No livro *Little Miss Late*, o autor conta que a Senhorita Atrasada comemorou o natal no dia 25 de janeiro e, na página ao lado desse texto, aparece a figura de uma casa coberta de neve. A aluna-tradutora, como vimos anteriormente na seção que trata das referências culturais, optou por explicar a diferença nas estações do ano entre os dois hemisférios, inserindo uma explicação diluída no texto, afirmando que, na Inglaterra é inverno no mês de janeiro.

<sup>25</sup> Informações obtidas em: <[www.scientiaindicationis.ufsc.br/imagem.pdf](http://www.scientiaindicationis.ufsc.br/imagem.pdf)>. Acesso em 30 jun. 2009

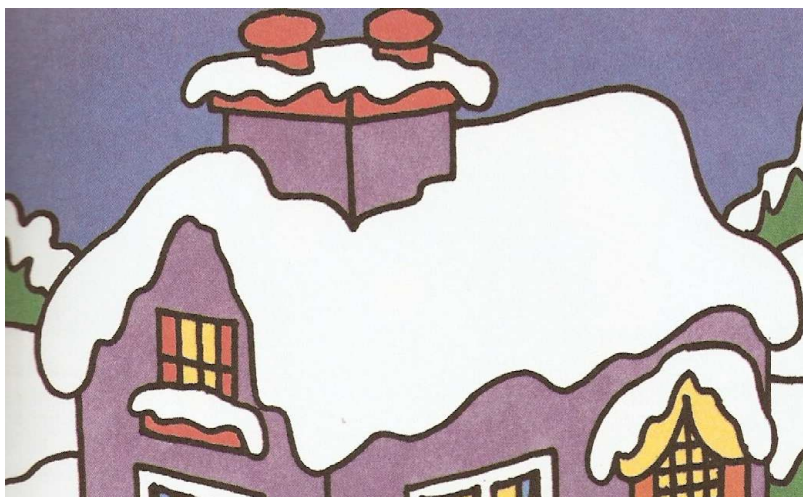


Figura 2: A casa coberta de neve durante o mês de janeiro.  
Fonte: HARGREAVES, Roger. *Little Miss Late* (1981)

### 3.6 – JOGO DE PALAVRAS

Segundo Mundt (2008) “jogos de palavras com a língua obrigam o tradutor a realizar adaptações”. Eles são inseridos no texto, quase sempre, para criarem uma atmosfera cômica, por isso, se forem explicados, perdem o humor intrínseco aos mesmos, pois, como afirma Coillie (2006), “se, ao mesmo tempo, o tradutor explica um jogo de palavras, a função humorística muda também: uma vez explicado, o jogo não é mais divertido” (p. 126, minha tradução).<sup>26</sup>

No livro *Mr. Topsy-Turvy* há vários jogos de palavras, uma vez que a personagem age, se veste e até mesmo fala de trás para frente, às avessas. Assim, a aluna-tradutora optou por traduzir as palavras na mesma ordem do texto-fonte, a fim de manter o efeito cômico proporcionado pelo mesmo. Um dos trechos do texto-fonte que exemplifica tal afirmação é o seguinte:

“I’d room a like!” The manager scratched his head.  
“You mean you’d like a room?” He asked.  
“Please yes”. Replied Mr. Topsy Turvy.

Esse trecho teve a seguinte tradução:

---

<sup>26</sup> Texto original: “If at the same time the translator explains a play on words, the divertive function changes as well: once explained, the pun is often no longer funny.”

- Eu quartaria de um gosto!
- O gerente coçou a cabeça
- Você quis dizer que gostaria de um quarto? – perguntou
- \_ Por favor, sim – respondeu o Sr. As Avestas.

Outro exemplo, retirado do mesmo texto-fonte é o seguinte:

“Morning good” people started  
saying to each other when they met, and  
“do do you how?” instead of  
“how do you do?”

Tal trecho recebeu a seguinte tradução:

- Dia bom, – as pessoas começavam a dizer
- umas para as outras quando se encontravam,
- e – vai você como? – em vez de
- como vai você?

### 3.7 – CONCLUSÃO

Essas são algumas das especificidades concernentes à literatura infanto-juvenil que estão presentes nos livros das coleções *Mr. Men* e *Little Miss*. Essas requerem do tradutor atenção e adequação ao público para que este, estimulado pelas histórias que lê ou escuta, possa entusiasmar-se e se tornar um leitor ávido. Nesse sentido, o tradutor deve ter cuidado para, no afã de produzir um texto agradável, não apagar as marcas da cultura-fonte, pois, partindo-se do princípio de que uma das funções da literatura infanto-juvenil é a formação de leitores, é importante que os mesmos tenham consciência de que as histórias que ouvem provêm de culturas distintas da sua. Além disso, a noção de que os livros que leem ou cujas histórias escutam são obras traduzidas permite sensibilizar os leitores em formação para o fato de que a tradução passa por um processo de mediação que pode criar identidades para as línguas e culturas do original, para seus autores e para seus personagens que não se coadunam com as percebidas pelos leitores dos textos em suas línguas originais.

## **CAPÍTULO 4**

### **O EMBATE ENTRE A DOMESTICAÇÃO E A ESTRANGEIRIZAÇÃO**

No presente capítulo, teceremos considerações sobre a tradução de textos de literatura infantil, a partir das traduções dos livros de Roger Hargreaves que foram analisados no capítulo anterior, valendo-nos dos conceitos de estrangeirização e de domesticação.

Rita Ghesquiere inicia o artigo “Why does Children Literature Need Translations?” (2006) com a seguinte pergunta: “como seriam as nossas vidas e as vidas de nossas crianças sem a tradução de grandes obras da literatura, tais como a Bíblia, os mitos gregos e nórdicos, e lendas – a *Ilíada* e a *Odisséia*, as fábulas de Esopo e a *Ramayana*”? (p. 19, minha tradução).<sup>27</sup> Tal questão nos remete à importância da tradução da literatura infantil nas nossas vidas, para nos formar como leitores. Ronald Jobe, por sua vez, na “International Companion Encyclopedia of Children’s Literature”, em tradução literal “Enciclopédia da Companhia Internacional de Literatura Infantil”, aponta para o fato de que a tradução é responsável pela herança literária ocidental (JOBE, 1996 *apud* GHESQUIERE, 2006, p. 19), já que os grandes textos literários seminais com os quais temos contato são traduções de textos da cultura oriental.

Foi através das traduções de grandes obras que começamos a ter contato com o mundo, descobrimos que existem outras culturas e povos, formamos nossas opiniões e ideologias. Nesse sentido, a tradução de literatura infantil, que, como vimos, foi responsável pela ampliação do polissistema de literatura infanto-juvenil brasileiro, desempenha um papel muito importante na formação de leitores.

Assim, de acordo com Rita Oittinen, no texto “No Innocent Act: On Ethics of Translating for Children” (2006), cuja tradução literal é “Nenhum ato inocente: sobre a ética de traduzir para crianças”, o propósito e a ética da tradução de livros infantis

---

<sup>27</sup> Texto original: “What would our lives and those of our children be like without translations of great pieces of literature such as the Bible, the Greek, Norse and Asian myths, and legends - the Iliad and Odyssey, the fables of Aesop, and the Ramayana?”

devem ser “ajudar a criança a desfrutar de seus potenciais humanos da forma mais completa possível” (p. 37, minha tradução).<sup>28</sup>

Dessa maneira, os tradutores de literatura infantil devem ter em mente qual é o público real de suas traduções, considerando a idade e a realidade cultural, a fim de adequá-las ao mesmo. A tradução de literatura infantil está estritamente ligada às imagens que fazemos das crianças, que são permeadas pela imagem pessoal que temos de nossa infância e pela imagem coletiva, cultivada pela sociedade. Segundo Oittinen “tudo que criamos para crianças reflete nossas visões sobre ser uma criança” (2006, p. 41, minha tradução).<sup>29</sup>

Os tradutores devem estar, portanto, atentos ao que está sendo produzido na literatura da cultura na qual está inserido e às convenções textuais da mesma para não correr o risco de estereotipar o público infantil ou produzir textos baseados estritamente em suas crenças sobre esse público. Ao traduzir um texto literário, segundo Isabel Pascua-Febles, no texto “Translating Cultural References: The Language of Young People in Literary Texts” (2006), “o tradutor não deve apenas se concentrar na natureza do texto-fonte, como também em sua posição dentro da cultura-fonte, nas restrições associadas aos ‘outros leitores’ (os adultos, os professores, os editores) e nos valores compartilhados pelos jovens atualmente” (p. 114, minha tradução).<sup>30</sup>

No caso da literatura infantil, temos o tradutor como um mediador evidente, por isso, segundo Gillian Lathey, no texto “The Translator Revealed, Didacticism, Cultural Mediation and Visions of the Child Reader in Translations Prefaces” (2006), literalmente “O tradutor revelado, didática, mediação cultural e visões do leitor infantil

---

<sup>28</sup> Texto original: “The purpose and ethics on translating children’s books: to help children to enjoy their human potentials to the fullest.”

<sup>29</sup> Texto original: “Anything we create for children reflects our views on being a child.”

<sup>30</sup> Texto original: “The translator should not only concentrate on the nature of the source text, but also on its position within the source culture, on the restrictions associated with the ‘other readers’ (the adults, the teachers, the publishers) and on the values shared by young people today”.



nos prefácios de traduções”, o tradutor de livros infantis tem que entender seu público e travar um diálogo imaginário com a criança para que sua tradução seja agradável (p. 15).

A tradução de literatura infantil deve, no entanto, proporcionar aos leitores em formação uma percepção mais aguçada de que a mesma provém de uma cultura diferente da sua. Posto isso, devemos nos perguntar: no caso da tradução de literatura infantil devemos domesticar o texto ou estrangeirizá-lo?

Lawrence Venuti, no livro *The Translator's Invisibility* (1995), apresentou os processos de tradução domesticantes e estrangeirizantes, baseando-se na leitura que fez de “Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens” (traduzido para o português com o título de “Sobre os diferentes métodos de tradução”), de Friedrich Schleiermacher, publicado originalmente em 1813. Segundo Venuti, a domesticação é um procedimento inerente à maior parte dos textos traduzidos, pois se inicia no momento em que se escolhe a obra a ser traduzida e perpassa todas as escolhas tradutórias. Quando se pretende que o texto-fonte alcance a cultura-meta de maneira a facilitar a leitura do texto e a compreensão por parte de seus leitores, elementos pertinentes ao público-alvo são inscritos, reescritos, repensados e recriados de forma a refletir tal cultura. Nas palavras de Venuti:

O objetivo da tradução é trazer um outro cultural como o mesmo, o reconhecível, até mesmo familiar; e esse objetivo sempre arrisca uma domesticação em grande escala do texto estrangeiro, geralmente, em projetos altamente autoconscientes, onde a tradução serve a uma apropriação das culturas para agendas domésticas, culturais, econômicas e políticas. A tradução pode ser considerada a comunicação de um texto estrangeiro, mas é sempre uma comunicação limitada pelo endereço a um público leitor específico (VENUTI, 1995, p. 18, minha tradução).<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> Texto original: “The aim of translation is to bring back a cultural other as the same, the recognizable, even familiar; and this aim always risks a wholesale domestication of the foreign text, often in highly self-conscious projects, where translation serves an appropriation of foreign cultures for domestic agendas, cultural, economic, political. Translation can be considered the communication of a foreign text, but it is always a communication limited by its address to a specific reading audience.”

Assim, a tradução deixaria de ser “janela” para o outro e passaria a ser “espelho” de si mesmo, ou seja, não traria a cultura estrangeira, mas a adaptaria à cultura-meta, podendo, até mesmo, criar estereótipos culturais. Dessa maneira, também contribuiria para a invisibilidade do tradutor, uma vez que, não percebendo que há culturas diferentes e, conseqüentemente, traduções de obras provenientes dessas culturas, não se percebe também o tradutor por trás do texto que se lê.

Venuti fala especificamente do contexto anglo-estadunidense, mas podemos citar exemplos de domesticação de textos literários na cultura brasileira, tais como as traduções feitas por Monteiro Lobato, que tinham como objetivo fazer o texto traduzido parecer ter sido escrito originalmente na língua-meta, como podemos perceber em carta enviada a Godofredo Rangel em 8 de março de 1925: “[...] Estou precisando de um *D. Quixote* para crianças, mais correntio e mais em *língua da terra* que as edições do Garnier dos portugueses. Preciso do *D. Quixote*, do *Gulliver*, do *Robinson* [...] quanta coisa tenho vontade de fazer e não posso!” (LOBATO *apud* CAMPOS, 2004, p. 147).

Exemplos que ilustram o estilo tradutório domesticante de Lobato são os retirados da tese de doutorado intitulada *Forças motrizes de uma contística pré-modernista: o papel da tradução na obra ficcional de Monteiro Lobato* (2006), escrita por Elizamari Becker. Nesse trabalho, há trechos do livro *The Jungle Book*, de Rudyard Kipling, traduzido por Lobato com o título de *O livro da selva*. Observemos um trecho do texto-fonte:

Now you must be content to skip ten or eleven whole years, and only guess at all the wonderful life that Mowgli led among the wolves, because if it were written out it would fill ever so many books (KIPLING citado por BECKER, 2006, p. 139).

A tradução literal do mesmo seria:

Agora você deve estar contente em pular dez ou onze anos completos, e apenas supor, por fim, a vida maravilhosa que Mowgli levou entre os lobos porque se fosse escrita preencheria muitos livros (minha tradução).

No entanto, Lobato o traduziu da seguinte maneira:

Pulemos agora dez anos de descrição da vida de Mowgli entre os lobos, coisa que daria matéria para todo um volume (KIPLING citado por BECKER, 2006, p. 139).

As modificações imprimidas por Lobato no texto de Kipling podem ser observadas ainda nos seguintes exemplos:

[...] meant just as much to him as the work of his office means to a business man (KIPLING citado por BECKER, 2006, p. 142).

[...] I might remembered that children of kings are men from the beginning (KIPLING citado por BECKER, 2006, p. 145).

Esses trechos poderiam ter sido literalmente traduzidos como:

[...] significava tanto para ele quanto o trabalho do escritório significa para um homem de negócios (minha tradução).

[...] Eu deveria lembrar que filhos de reis são homens desde o início (minha tradução).

Lobato, no entanto, os traduziu assim:

[...] tudo significava muito para os animais da floresta. (KIPLING citado por BECKER, 2006, p. 143).

Não negam serem filhos de rei (KIPLING citado por BECKER, 2006, página da tese dela).

Como podemos perceber, Lobato encurta os trechos traduzidos. No primeiro deles, apaga o endereçamento do texto diretamente ao leitor. No segundo trecho, Lobato corta a comparação com a importância do trabalho para um homem de negócios. No terceiro deles, Lobato retira a menção importante de que são homens desde o início por

serem filhos do rei. Essas escolhas revelam a postura domesticante de Lobato, que acreditava que as traduções deveriam se adequar à cultura-meta para tornarem a leitura mais agradável, familiar e corrente.

A estrangeirização, por outro lado, traz o texto ao leitor em vez de levá-lo ao texto, ou seja, traz a cultura-fonte ao público-alvo. Segundo Venuti (1995), “a noção de estrangeirização pode alterar a maneira como a tradução é lida assim como produzida porque assume um conceito de subjetividade humana que é muito diferente das suposições humanistas subjacentes à domesticação” (p. 24, minha tradução).<sup>32</sup> Assim, valores culturais do texto-fonte são incorporados ao texto-meta e isso permite que o leitor perceba que o texto provém de outra cultura, de outra língua, portanto, dá maior visibilidade ao tradutor e amplia o conhecimento de mundo do leitor.

A nova tradução brasileira do *Livro das mil e uma noites* (2005) pode ser citada como um exemplo de estrangeirização do texto. O atual tradutor dessa obra, Mamede Mustafa Jarouche, professor de língua e literatura árabe da Universidade de São Paulo, escreveu um prefácio ao livro, no qual faz uma sinopse da obra, traça sua origem histórica e comenta outras traduções do mesmo livro, assim como apresenta notas sobre aspectos linguísticos do alfabeto árabe.

Essa é a primeira tradução do referido livro feita diretamente do árabe para o português, realizada a partir do conjunto de três volumes do manuscrito “Árabe 3609-3611” da Biblioteca Nacional de Paris. Segundo o tradutor: “todas as intervenções de relevo operadas no texto manuscrito principal foram apontadas nas notas, que também serviram para expor ao leitor o quão problemática, neste caso, é a ideia de texto pronto e acabado. As notas explicam, ainda, aspectos linguísticos e históricos” (JAROUCHE,

---

<sup>32</sup> Texto fonte: “The notion of foreignization can alter the ways translations are read as well as produced because it assumes a concept of human subjectivity that is very different from the humanist assumptions underlying domestication.”

2004, p. 32). Tal opção de tradução dá ao tradutor uma visibilidade maior. Uma vez que suas escolhas são apresentadas, ele também se faz presente na construção do texto.

Ainda na nota editorial, Jarouche explica como é difícil manter as rimas originais árabes, e que, por tal motivo, decidiu abrir mão da métrica, em todos os poemas e das rimas, em alguns deles. O tradutor também optou por variar os verbos *dicendi*, pois, segundo o mesmo, “os personagens são verdadeiras máquinas de ‘dizer’ e a repetição ficaria demasiado monótona” (JAROUCHE, 2004, p. 32). Podemos perceber através das afirmações do tradutor que, mesmo que tenha tido como preocupação principal a estrangeirização, recuperando especificidades do original que há muito haviam sido esquecidas por conta de traduções idiomáticas, ele se viu levado a se valer de procedimentos domesticantes de tradução, em função da grande assimetria entre as línguas e as culturas envolvidas no processo de tradução.

Quanto à questão dos nomes próprios, Jarouche se viu frente a um impasse: “como transcrever os nomes árabes? Simplificar a transcrição facilitaria as coisas para o leitor ou seria um desrespeito a ele? Sabe-se que o idioma árabe possui sons que não existem em português nem em qualquer outro idioma indo-europeu. Se não existem, de que adianta usar um símbolo para grafá-los?” (2004, p. 32). Diante desse questionamento e depois de ponderar a respeito, o tradutor optou por utilizar o alfabeto internacional e exemplificar, no editorial, os sons que cada fonema tem. A nota 17 do editorial diz o seguinte: “Para os nomes de cidade utilizou-se a forma convencional em português quando esta existe, como é o caso de Bagdá (em lugar de Bağdad), Basra (em lugar de Albaşra), Mossul (em lugar de Almasşil), Damasco (em lugar de Dimaşq) etc. Caso contrário adotou-se a transcrição fonética” (JAROUCHE, 2004, p. 35). Dessa maneira, o mesmo trouxe a cultura-fonte ao leitor, permitindo que o mesmo tenha um contato mais próximo com o mundo árabe, do qual o texto provém.

Nesse momento chegamos à questão crucial da tradução de literatura infantil, pois como afirma Otinnen:

Na tradução da literatura infantil, no entanto, a domesticação e a estrangeirização são questões muito delicadas. Vários estudiosos desaprovam a domesticação como um método de desnaturalizar e pedagogizar a literatura infantil: a criança deveria ser capaz de descobrir o estrangeiro em textos traduzidos e aprender a tolerar as diferenças, a estranheza do estrangeiro [...]. Embora sempre haja leitores, tais como estudiosos, que podem não achar o texto estrangeirizante desagradável, a criança leitora pode muito bem não estar disposta a ler o texto traduzido, achando-o muito estranho – e como isso influenciará no hábito de leitura futuro da criança e qual, então, é o objetivo em traduzir a história? (2006, p. 43, minha tradução).<sup>33</sup>

Considerando as traduções realizadas pelos alunos da turma 2007-2009 do curso de Bacharelado em Letras – Ênfase em Tradução: Inglês, analisadas no capítulo anterior, percebemos que há uma linha tênue entre a domesticação e a estrangeirização de textos de literatura infantil, e que é muito difícil optar apenas por procedimentos de tradução domesticantes ou estrangeirizantes. Exemplos disso são as traduções dos livros *Little Miss Fickle* e *Little Miss Late*, realizadas pelas alunas Raquel Lombardi e Aline Paiva, respectivamente, nas quais as alunas-tradutoras optaram por manter o nome da casa das personagens em inglês e acrescentar uma explicação diluída no corpo do texto, utilizando uma das possíveis estratégias para tornar o texto estrangeirizante, enquanto que, no que diz respeito aos nomes próprios, elas mesmas e todos os outros alunos-tradutores optaram por manter o nome próprio dos personagens na língua-fonte, caracterizando uma opção domesticante.

---

<sup>33</sup> Texto original: “As for translating children’s literature, however, domestication and foreignization are very delicate issues. Several scholars disapprove of domestication as a method denaturalizing and pedagogizing children’s literature: children should be able to find the foreign in the translated texts and learn to tolerate the differences, the otherness, the foreign [...] While there will always be readers, such as scholars, who might not find foreignized texts offputting, the child reader may very well be unwilling to read the translated text, finding it too strange - and how will this influence the child’s future reading habits and what then is the whole point of translating the story?”

Nas traduções dos livros *Little Miss Wise* e *Little Miss Brainy*, traduzidos respectivamente por Felipe Noronha e por mim, os alunos-tradutores optaram por substituir a onomatopeia em língua inglesa para uma equivalente na língua-meta. No livro *Little Miss Chatterbox*, traduzido pela aluna-tradutora Fernanda Faria, constatamos a opção de substituir as expressões idiomáticas em língua inglesa por expressões equivalente na língua-meta. Tais opções de tradução caracterizam uma escolha domesticante. No livro *Little Miss Late*, observamos a manutenção e a explicação, diluída no texto, das referências culturais feitas às estações do ano. No livro *Mr. Topsy-Turvy*, a aluna-tradutora, Luy Braida, optou por manter a estranheza dos jogos de palavras da língua-fonte. Essas últimas traduções são exemplos de opções estrangeirizantes.

A meu ver, a estrangeirização é uma opção que deve ser considerada, pois é na infância que os leitores são formados e é a partir da formação desses leitores que a consciência individual e coletiva é construída. A aplicação de procedimentos estrangeirizantes de tradução permite a formação de leitores conscientes de que há um mundo maior e distinto à sua volta, e fornece maior visibilidade ao tradutor, pois quando os mesmos são postos em prática fica claro que o texto lido ou ouvido não pertence à cultura-meta, sendo, portanto, fruto de uma tradução. Contudo, é necessário ter equilíbrio nas escolhas entre as opções domesticantes e as estrangeirizantes. Há momentos em que um mesmo texto pode pedir uma e outra. Não seria coerente afirmar que apenas uma das opções deva ser escolhida ou que uma tradução deva optar por apenas uma delas. É necessário que ponderemos quando uma das opções se faz realmente mais adequada do que a outra. No corpus analisado, o procedimento mais adotado foi o da domesticação.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**



Vimos que a literatura infanto-juvenil é responsável por formar leitores que se interessem pela leitura e tenham uma consciência crítica, desenvolvendo valores culturais que formam parte de uma sociedade. Além de entreter, a literatura infanto-juvenil traduzida incita o aprendizado e a reflexão sobre o mundo, construindo pontes sobre culturas distintas.

No contexto inglês, vimos que várias obras compõem o cânone literário infanto-juvenil nacional, com vários autores que se consagraram ao se dedicarem a escrever para o público infanto-juvenil, entre eles Lewis Carroll autor de *Alice no país das maravilhas*; James Barrie, criador da personagem Peter Pan; Rudyard Kipling, autor de *Mogli, o menino lobo*; e Clive Lewis, autor de *As crônicas de Nárnia*. Roger Hargreaves, autor das coleções infantis *Mr. Men* e *Little Miss*, que formam o corpus estudado nesta monografia, portanto, faz parte de uma forte tradição de literatura infantil.

No Brasil, a literatura infanto-juvenil nacional foi divulgada no final do século XIX e início do século XX através de traduções e adaptações dos contos de fadas de Perrault e dos irmãos Grimm, realizadas por tradutores como Carlos Janssen e Figueiredo Pimentel. Monteiro Lobato, além de escritor e editor, era tradutor e foi um dos grandes responsáveis pela ampliação do gênero, através de adaptações de obras como o título supracitado de Kipling, no início dos anos de 1920 em diante. As traduções e adaptações de obras estrangeiras estimularam o surgimento de uma literatura infanto-juvenil nacional, que teve como destaque, além de Lobato, Cecília Meireles e Henriqueta Lisboa, e da qual hoje fazem parte Lygia Bojunga e Ana Maria Machado, entre outros.

A análise das especificidades concernentes à tradução de literatura infanto-juvenil mostrou que o tradutor precisa estar atento e adequar as obras traduzidas ao

público para que este, estimulado pelas histórias que lê ou escuta, possa entusiasmar-se e se tornar um leitor que sente prazer ao ler. O tradutor, porém, deve ter cuidado para não apagar todas as marcas da cultura-fonte, pois, como a literatura infanto-juvenil forma leitores, é importante que os mesmos tenham consciência de que as histórias que ouvem ou leem são provenientes de outras culturas e de que existem livros traduzidos que pertencem a povos e culturas distintos da sua e, conseqüentemente, tradutores que realizam essas traduções.

No caso do corpus analisado neste trabalho, os livros infantis das coleções *Mr. Men* e *Little Miss*, de Roger Hargreaves, observamos que alguns alunos tradutores optaram por procedimentos estrangeirizantes de tradução, mantendo os nomes, referências culturais na língua-fonte e acrescentando uma explicação diluída no corpo do texto na língua-meta, bem como mantendo os jogos de palavras na ordem em que aparecem no texto-fonte. Outros, porém, optaram por deixar o texto mais fluente, considerando o público-alvo dos textos, crianças pré-leitoras, segundo classificação de Elvira Aguilera, a fim de facilitar o entendimento por parte dos leitores/ouvintes, pois, nesse caso, é um adulto que lê os livros para as crianças.

Ao pensarmos sobre o embate entre tradução domesticante e tradução estrangeirizante, considerando o público-alvo deste trabalho, crianças, percebemos que devemos atentar para o fato de que domesticar pode tornar a história mais corrente e mais agradável ao leitor, mas restringe esse público-alvo a uma cultura já conhecida, enquanto que estrangeirizar, mesmo correndo-se o risco de tornar a leitura um pouco mais difícil, amplia o conhecimento de mundo da criança, despertando a curiosidade dos mesmos e fazendo-os descobrir um mundo maior e multicultural.

Contudo, é muito difícil que uma tradução se valha somente de escolhas domesticantes ou estrangeirizantes. Um mesmo texto pode, em momentos distintos,

requerer opções domesticantes e estrangeirizantes. Podemos e devemos, sim, ter opções de tradução estrangeirizantes, sempre que possível, mas é necessário dosá-las e ter bom senso nas escolhas, para que a leitura ou escuta do livro não desestimule o leitor/ouvinte.

A importância da literatura infanto-juvenil pode ser atestada pelo crescente volume de publicações no Brasil e no exterior sobre o assunto, como podemos perceber através do material teórico utilizado como base para esta monografia, entre os quais podemos mencionar o livro *Children's Literature in Translation: Challenges and Strategies* (2006), cuja tradução literal é *Literatura infantil em tradução: desafios e estratégias*, editado por Jan Van Coillie e Walter P. Verschueren, e os vários artigos retirados de sites da *internet*, tais como “The Translation of Proper Names in Children's Literature” (2008) de Elvira Aguilera, em tradução literal, “A Adaptação na tradução de literatura infanto-juvenil: necessidade ou manipulação?” (2008) escrito por Renata de Souza Dias Mundt e “Texto, imagem e projeto gráfico na tradução de literatura infanto-juvenil” (2008) escrito por Adriana Maximino dos Santos Vannuzini. Devemos também acrescentar a essa lista a revista da PUC-RJ, intitulada *Literatura Infantil*, que, já em 1980, apontava para a relevância de estudos sobre esse importante gênero literário.

Esperamos que este trabalho colabore para o enriquecimento da pesquisa acerca da tradução de literatura infanto-juvenil que vem sendo realizada no contexto da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, assim como ajude a elevar o status atual do gênero, o qual não recebe a atenção devida em muitos dos currículos do curso de Letras existentes no Brasil. O programa de Tradução II (Linguagem Literária) do curso de Bacharelado em Letras – Ênfase em Tradução: Inglês contempla esse tema e, na II Semana de Letras da FALE – UFJF, realizada em outubro de 2009, foi ministrado um minicurso sobre o mesmo. Além disso, o currículo de Letras

dessa universidade, atualmente em vigor, abriu espaço para uma disciplina especificamente destinada à literatura infanto-juvenil. Essas ações comprovam a importância do gênero e oferecem testemunho de seu crescimento. Esperamos também contribuir para a ampliação dos horizontes profissionais de tradutores e de alunos em formação, despertando seu interesse pela tradução de literatura infanto-juvenil e pelas questões em torno dessa atividade.

As questões com as quais um tradutor de literatura infanto-juvenil se depara são semelhantes às aquelas com as quais se depara o tradutor de textos de ficção, por isso, da mesma forma que esse gênero literário não pode ser menosprezado, a tradução de literatura infantil também não deve sê-lo.

## **REFERÊNCIAS**

AGUILERA, Elvira. *The Translation of Proper Names in Children's Literature*. Disponível em <er.lettras.up.pt/uploads/ficheiros/4666.pdf>. Acesso em 2. jun. 2008.

ALMEIDA, Vivian Gomes de. *A tradução e a crítica de poesia*. Juiz de Fora: Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFJF. 2007. (Monografia de conclusão do Bacharelado em Letras – Ênfase em Tradução: Inglês).

ANFLOR, Tatiana. *Literatura infantil brasileira*. Disponível em <pt.shvoong.com/.../1631588-literatura-infantil-brasileira/>. Acesso em 30 jun. 2009.

BECKER, Elizamari Rodrigues. *Forças motrizes de uma contística pré-modernista: o papel da tradução na obra ficcional de Monteiro Lobato*. Porto Alegre: Instituto de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2006. (Tese de Doutorado em Letras – Estudos de Literatura: Literatura Comparada).

CAMPOS, Giovana Cordeiro. *From Whom the Bell Tolls, de Ernest Hemingway e suas traduções no contexto brasileiro*. Juiz de Fora: Instituto de Ciências Humanas e de Letras. Universidade Federal de Juiz de Fora. 2004. (Dissertação de Mestrado em Letras: Teoria da Literatura).

COILLIE, Jan Van, VERSCHUEREN, Walter P. (ed.) *Children's Literature in Translation: Challenges and Strategies*. Manchester, UK & Kinderhook, USA: St. Jerome Publishing. 2006.

COILLIE, Jan Van. Character Names in Translations: A Functional Approach. In: COILLIE, Jan Van, VERSCHUEREN, Walter P. (ed.) *Children's Literature in Translation: Challenges and Strategies*. Manchester, UK & Kinderhook, USA: St. Jerome Publishing. 2006. p. 123-140.

EVEN-ZOHAR, Itamar. The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem. In: HOLMES, J. S. et al (ed.) *Literature and Translation: New Perspectives in Literary Studies*. Leuven: Acco, 1979, p. 117-127.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem Theory in Polysystem Studies. In: HOLMES, J. S. et al (ed.) *Literature and Translation: New Perspectives in Literary Studies*. Leuven: Acco, 1979, p. 292-301.

FEBLES, Isabel-Pascua. Translating Cultural References: The Language of Young People in Literary Texts. . In: COILLIE, Jan Van, VERSCHUEREN, Walter P. (ed.) *Children's Literature in Translation: Challenges and Strategies*. Manchester, UK & Kinderhook, USA: St. Jerome Publishing. 2006. p. 111-122.

GHEQUIERE, Rita. Why does Children Literature Need Translations? In: COILLIE, Jan Van, VERSCHUEREN, Walter P. (ed.) *Children's Literature in Translation: Challenges and Strategies*. Manchester, UK & Kinderhook, USA: St. Jerome Publishing. 2006. p. 19-34.

HARGREAVES, Roger. *Little Miss Brainy*. Great Britain: Ergmont Books. 1990.

HARGREAVES, Roger. *Little Miss Chatterbox*. Great Britain: Ergmont Books. 1984.

HARGREAVES, Roger. *Little Miss Fickle*. Great Britain: Ergmont Books. 1984.

HARGREAVES, Roger. *Little Miss Late*. Great Britain: Ergmont Books. 1981.

HARGREAVES, Roger. *Little Miss Wise*. Great Britain: Ergmont Books. 1990.

HARGREAVES, Roger. *Mr. Fussy*. Great Britain: Ergmont Books. 1976.

HARGREAVES, Roger. *Mr. Rude*. Great Britain: Ergmont Books. 2003.

HARGREAVES, Roger. *Mr. Topsy-Turvy*. Great Britain: Ergmont Books. 1972.

JAROUCHE, Mustafa Mamede. Nota Editorial. In: *Livro das mil e uma noites*. Trad. Mustafa Mamede Jarouche. São Paulo: Editora Globo. 2005. p. 9-35.

LATHEY, Gillian. The Translator Revealed: Didacticism, Cultural Mediation and Visions of the Child Reader in Translator's Prefaces. COILLIE, Jan Van, VERSCHUEREN, Walter P. (ed.) *Children's Literature in Translation: Challenges and Strategies*. Manchester, UK & Kinderhook, USA: St. Jerome Publishing. 2006. p. 1-18.

MARTINS, Márcia Amaral Peixoto. Descriptive Translation Studies: uma revisão crítica. *Gragoatá: Lugares da tradução*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFF. Niterói, n. 13, p. 33-52, Dez. 2002.

MENDES, Denise Rezende. *Monteiro Lobato, o tradutor*. Juiz de fora: Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFJF. 2002. (Monografia de conclusão do Bacharelado em Letras – Ênfase em Tradução: Inglês).

MUNDT, Renata de Souza Dias. *A Adaptação na tradução de literatura infanto-juvenil: necessidade ou manipulação?* Disponível em <[www.abralic.org.br/cong2008/.../pdf/.../RENATA\\_MUNDT.pdf](http://www.abralic.org.br/cong2008/.../pdf/.../RENATA_MUNDT.pdf)> Acesso em 30 jun. 2009.

NEWMARK, Peter. *Approaches to Translation*. Oxford: Pergamon Press. 1984.

OITTINEN, Ritta. No Inocent Act: On the Ethics of Translating for Children. COILLIE, Jan Van, VERSCHUEREN, Walter P. (ed.) *Children's Literature in Translation: Challenges and Strategies*. Manchester, UK & Kinderhook, USA: St. Jerome Publishing. 2006. p. 35-46.

SANDRONI, Laura Constancia. Retrospectiva da literatura infantil brasileira. *Cadernos da PUC – RJ: Literatura Infantil*. Rio de Janeiro, n. 8, p. 9-18, 1980.

VANNUZINI, Adriana Maximino dos Santos. *Texto, imagem e projeto gráfico na tradução de literatura infanto-juvenil*. Disponível em <[www.scientiaintraduccionis.ufsc.br/imagem.pdf](http://www.scientiaintraduccionis.ufsc.br/imagem.pdf)>. Acesso em 30 jun. 2009.

VENUTI, Lawrence. *The Translators Invisibility: A History of Translation*. London, New York: Routledge. 1995. p. 1-42.

#### **Sítios da Internet consultados:**

CLIVE LEWIS. Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Clive\\_Staples\\_Lewis](http://pt.wikipedia.org/wiki/Clive_Staples_Lewis)>. Acesso em 30 set. 2009.

JAMES BARRIE. Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/James\\_Matthew\\_Barrie](http://pt.wikipedia.org/wiki/James_Matthew_Barrie)>. Acesso em 30 set. 2009.

J. K. ROWLING. Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/J.\\_K.\\_Rowling](http://pt.wikipedia.org/wiki/J._K._Rowling)>. Acesso em 30 set. 2009.

KIPLING. Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Rudyard\\_Kipling](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rudyard_Kipling)>. Acesso em 30 set. 2009.

LEWIS CARROLL. Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Lewis\\_Carroll](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lewis_Carroll)>. Acesso em 30 set. 2009.



MATILDA. Disponível em <[http://simple.wikipedia.org/wiki/Matilda\\_\(novel\)](http://simple.wikipedia.org/wiki/Matilda_(novel))>. Acesso em 15 out. 2009.

MICHAEL BOND. Disponível em <[http://en.wikipedia.org/wiki/Michael\\_Bond](http://en.wikipedia.org/wiki/Michael_Bond) >. Acesso em 30 set. 2009.

MR. MEN E LITTLE MISS. Disponível em <<http://www.egmont.co.uk/contributor.asp?contid=124#>>. Acesso em 30 set. 2009.

MR. MEN E LITTLE MISS. Disponível em <[www.mrsneeze.com/mrmen/aboutmrmen.html](http://www.mrsneeze.com/mrmen/aboutmrmen.html) >. Acesso em 30 set. 2009.

MR. MEN E LITTLE MISS. Disponível em <[http://en.wikipedia.org/wiki/Mr.\\_Men](http://en.wikipedia.org/wiki/Mr._Men)>. Acesso em 30 set. 2009.

ROBINSON CRUSOE. Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Robinson\\_Crusoe](http://pt.wikipedia.org/wiki/Robinson_Crusoe)>. Acesso em 15 out. 2009.

ROGER HARGREAVES. Disponível em <[en.wikipedia.org/wiki/Roger\\_Hargreaves](http://en.wikipedia.org/wiki/Roger_Hargreaves)>. Acesso em 30 set. 2009.